

MATTOS, V. *Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: alongamento da escolaridade e alternativa ao desemprego*. São Paulo: Xamã, 2011.

## QUANDO MAIS É MENOS, CONTINUA PODENDO SER MAIS

Antonio Alberto Brunetta<sup>1</sup>

Há uma erudição do conhecimento, que é propriamente o que se chama erudição, e há uma erudição do entendimento, que é o que se chama cultura. Mas há também a erudição da sensibilidade. A erudição da sensibilidade nada tem a ver com a experiência da vida. A experiência da vida nada ensina, como a história nada informa. A verdadeira experiência consiste em restringir o contacto com a realidade e aumentar a análise desse contacto. Assim a sensibilidade se alarga e aprofunda, porque em nós está tudo; basta que o procuremos e o saibamos procurar. (PESSOA, 2006, p. 155).

A autocrítica é um tesouro no mundo acadêmico. O mapa que permite encontrá-la indica como primeiro passo um olhar atento à realidade mais imediata do próprio pesquisador. A orientação subsequente segue sempre a bombordo. É preciso, ainda, resiliência intelectual para enfrentar os *doldrums* engendrados pelo idealismo educacional. Todavia, esse mar, a primeira vista, parece mesmo findar num despenhadeiro, tal como no imaginário medieval; porém a autora o enfrenta com a quilha marxista na proa de suas convicções, ao mesmo tempo em que comanda o leme de sua própria experiência.

O livro “Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: alongamento da escolaridade como alternativa ao desemprego” é resultado da dissertação de mestrado intitulada “Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho. Um estudo sobre o alongamento da escolarização entre os mestrandos da UFSC”, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, entre os anos de 2005 e 2007.

Destarte, a obra carrega o mérito fundamental de analisar uma realidade da qual a própria autora faz parte, o que implica em ter administrado, de maneira muito próxima de si mesma, a descrença em relação ao seu próprio movimento de formação; concomitante à afirmação de uma postura desafiadora contra a realidade que investiga e vivencia.

A pesquisa tomou como sujeitos 117 estudantes de mestrado, de um total de 1.224 estudantes matriculados; e 9 cursos entre os 45 existentes nos 11 Centros da instituição, representativos das principais áreas de conhecimento.

No plano das convicções apresentadas pela autora verifica-se a compreensão segundo a qual a educação é a expressão de uma modalidade de resistência frente à precarização do trabalho. Nesses termos, a autora rivaliza com a pedagogia do capital e com a Teoria do Capital Humano, ambas as construções intelectuais inculcadas e difundidas sistematicamente pelos discursos liberais que compõem a matriz do privatismo educacional e, até mesmo, das políticas educacionais de expansão para o ensino superior público.

O trato metodológico é honesto quanto ao alcance de uma pesquisa de mestrado e tem o mérito de lidar minuciosamente com os elementos quantitativos, articulando-os, mediante inferências críticas, às hipóteses centrais da pesquisa em questão, bem como às referências teóricas e analíticas de outras pesquisas nacionais e internacionais.

No enlace teórico empreendido é também relevante destacar que a autora não se priva de, ora confrontar, ora justapor (sem preconceitos) estruturas interpretativas mais e menos diretamente ligadas ao marxismo.

Tendo conduzido os trâmites formais da pesquisa de modo atento e ofertado aos seus sujeitos um questionário pertinente, a pesquisadora foi capaz de tonar as questões relevantes a ponto de estimular a participação dos mesmos e produzir o levantamento de dados suficiente à constituição de uma base empírica que além de responder a suas indagações fomentou a continuidade da investigação<sup>2</sup>.

A análise revela o condicionamento da educação ao contexto da produção flexível, o que implica na reverberação das tendências de alongamento tornando-se necessidade permanente a quem pretende permanecer como trabalhador. No entanto, é justamente o questionamento dos propósitos de manutenção emprego e/ou da ascensão profissional que servem para desmistificar de modo contundente as representações tendenciosas sobre as reais potencialidades da educação.

Ao relacionar elementos tais como: escolaridade dos pais, renda domiciliar, trabalho com ou sem vínculo empregatício, experiência de trabalho anterior e concomitante ao ingresso no mestrado, entre outros, à atual realidade do mundo do trabalho, a qual oferta um número de vagas proporcionalmente maior a quem tem menos escolaridade, a pesquisa atualiza as teses da década de 1970 que desacreditavam o otimismo da relação entre escolaridade e emprego.

Restabelecer a caracterização do desemprego em sua diversidade e historicidade conceitual, apresentando inclusive a disputas vigentes em torno do conceito, permite a autora reafirmar que o desemprego é a expressão das determinações do mundo do trabalho sobre os processos educacionais, desvinculando a visão liberal que insiste em definir unilateralmente uma relação de causalidade entre uma educação inadaptada ao mercado e a realidade de desemprego entre jovens estudantes.

A autora também não se esquivava de questionar a própria noção de “juventude”, a qual tende a oscilar diante dos condicionamentos os quais a existência material das novas gerações é submetida, tornando-se mais adequada referir-nos a uma condição juvenil para caracterizar as novas conformações desse grupo que na produção sociológica contemporânea tem se afirmado como categoria de análise.

Os eufemismos do discurso liberal também são prontamente atacados pela autora, que ao perpassar as noções principais relacionadas à sociologia do trabalho – tanto em corrente clássica como contemporânea, põe abaixo o pernicioso repertório de auto responsabilização perpetrado pelos signos da individualização, competitividade, flexibilidade, empregabilidade, versatilidade etc.

O livro também recupera a história da universidade sem negligenciar sua condição de permanente campo de disputas entre o erudito e o pragmático, demonstrando os efeitos dilacerantes e fragmentadores dessa evolução sobre a estrutura da própria universidade e seus transbordamentos

mercadológicos que atualmente recaem sobre as famílias que buscam ofertar, por meio da educação superior, uma posição social e econômica mais elevada aos seus filhos.

Da mesma forma, a recuperação histórica da relação entre educação e trabalho, auxilia na compreensão do tardio, porém reflexo, contexto brasileiro da educação superior, incluindo a este suas explícitas restrições quanto ao ingresso. Neste ponto cabe destacar que embora ainda elitizado, esse nível de ensino não é a garantia absoluta de emprego.

O panorama da privatização e da precarização do ensino superior está fundamentado nas análises sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e sobre o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), os quais apesar de demagogicamente expressivos representam, respectivamente, uma política de refinanciamento de inadimplência fiscal por parte das universidades privadas e otimização dos recursos (já bastante escassos) das universidades públicas federais.

Por fim, merece destaque nesta resenha, uma observação que apesar de alheia às considerações da autora, figura entre as preocupações daqueles que atravessam a pós-graduação atualmente, qual seja, a de que as indefinições regimentais para a pós-graduação corroboram com uma dinâmica de precarização do trabalho em seu interior, pois a medida que se misturam as condições de graduado (portanto, profissional) e de aluno (portanto, aprendiz) abre-se espaço para que o trabalho qualificado do pós-graduando seja explorado e mal remunerado (portanto, bolsita) em razão das inúmeras e crescentes exigências que as políticas nacionais de credenciamento, avaliação e financiamento da pós-graduação, as quais ao pesarem sobre os docentes desses programas também precarizam o trabalho dos mais reconhecidos intelectuais numa relação diretamente proporcional ao seu “sucesso” acadêmico.

Em síntese, para reestabelecer utopias no campo da materialidade das experiências, é necessário, por vezes, em contraponto com o próprio fundamento de nossa formação, usar a luneta ao contrário para tomar distância do objeto que se busca compreender, assim como a autora o fez ao lançar um olhar sociológico crítico sobre sua atuação profissional na área de recursos humanos como psicóloga, anterior ao ingresso no mestrado.

### **Referências:**

PESSOA, F. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

### **Notas:**

<sup>1</sup> Professor Adjunto I, na área de Fundamentos da Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó - SC. Email: [aabrunetta@gmail.com](mailto:aabrunetta@gmail.com)

<sup>2</sup> Cf. MATTOS, V. *Formações Distintas, percursos diversos?* Estudo de caso de trajetórias de mestres e doutores na UFSC, segundo habilitação profissional. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Recebido em: 12/2012

Publicado em: 06/2013.